

“DIZE-ME O QUE CANTAS E EU TE DIREI QUEM ÉS”: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DA IDENTIDADE NOS PAGODES BAIANOS.

Fernanda Araujo Dias Mendes Xavier¹

Marcus Antônio Assis Lima²

Marcelo Cordeiro³

RESUMO: A diversidade temática abordada nos trabalhos acadêmicos possibilita um engajamento das mais diferentes culturas, identidades e histórias. Nesse intento, buscou-se analisar de que modo a identidade cultural do “favelado” é discursivizada nas letras de pagode baiano. Para tanto, a Análise de Discurso foi o referencial teórico-metodológico. Assim, esta pesquisa utilizou-se do método analítico, por meio dos estudos de Bakhtin (1992; 2003), Pêcheux (1997; 1999) e Orlandi (2009). Além desses, Castells (1999) e Hall (2006) dão a sustentação teórica às discussões da categoria identidade. No diálogo, discutimos o quanto o sujeito está propenso à reafirmação de sua identidade. Essas novas possibilidades nos levam a pensar nesses sujeitos como indivíduos capazes de estabelecer relações com os lugares que vivem, com sua cultura e sua identidade, fazendo refletir várias periferias em apenas uma produção musical periférica como é o caso dos pagodes baianos, mais especificamente, oriundos da capital Salvador.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade Cultural. Pagode. Discurso. Sujeito Favelado.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagem, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Especialização em Práticas Docentes Interdisciplinares na Universidade do Estado da Bahia - UNEB - Campus VI(2015). Especialização em Docência do Ensino Superior pela Faculdade de Guanambi (2014). Graduação em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa pela UNEB - Universidade do Estado da Bahia, Campus VI/Caetitê (2011). Professora Substituta no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano- Campus Valença.

² Possui pós-doutorados em Letras (PPGLLR/UESC, 2018) e em Media & Comunicativos (Goldsmiths Colega/University of London, 2013/2014), concluiu o doutorado no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais em 2008 (linha de pesquisa: Análise do Discurso) e o mestrado em Comunicação e Sociabilidade, pela mesma universidade, em 2000; graduou-se em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo em 1991. Atualmente é Professor Titular, dedicação exclusiva, do Curso de Jornalismo (2006) e do Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagem (2012), na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

³ Professor, pesquisador e profissional nas áreas de Artes e Letras; com ênfase nas Artes: em Teatro, Dança, Ópera e Vídeo. E com ênfase nas Letras em Linguística, Literatura e Análise do Discurso. Profissional das Artes Cênicas desde 1994, é ator, bailarino e diretor com experiências profissionais no Brasil, Cuba, França, Itália e Uruguay. - Pós Doutorando em Letras, Cultura, Educação e Linguagens - UESB (2017-2018) - Pós Doutor em Estudos Linguísticos. FALE - UFMG (2016-2017) - Professor convidado Escola de Belas Artes -EBA -UFMG (2017) - Professor convidado PosLin FALE UFMG, (2016). - Professor do Master em Gestão de Projetos Culturais. IEC/PUC-MG (2015). - Professor convidado da Accademia di Belle Arti di Brera - Milano (2014). - Professor de Critica Especializada em Teatro. IEC/PUC-M.G (2012, 2013 e 2014). - Doutor em Estudos Linguísticos. FALE - UFMG (2008-2012). - Doutorado Sanduíche Université Paris XII (2009/2010). - Professor convidado do Institut Telecon Paris (2010).

"TELL ME WHAT SING AND I WILL TELL YOU WHO YOU ARE": A DISCURSIVE ANALYSIS OF IDENTITY IN THE *PAGODES BAIANOS*.

ABSTRACT: The thematic diversity discussed in the academic works enables an engagement of the most different cultures, identities and histories. In this attempt, it was sought to analyze how the cultural identity of the "Favelate" is discursive in the lyrics of *Pagodes Baianos*. To do so, the speech analysis was the theoretical-methodological reference. Thus, this research was used by the analytical method, through the studies of Bakhtin (1992; 2003), Pêcheux (1997; 1999) and Orlandi (2009). Besides these, Castells (1999) and Hall (2006) give theoretical support to the discussions of the identity category. In the dialogue, we discuss how prone the subject is to reaffirm his identity. These new possibilities lead us to think of these subjects as individuals capable of establishing relationships with the places they live, with their culture and their identity, reflecting several peripheries in only a peripheral musical production, as is the case of the *Pagodes Baianos*, more specifically, originating from the capital of Salvador.

KEYWORDS: Cultural Identity. Pagoda. Discourse. Subject Slum.

INTRODUÇÃO

Vivemos em uma sociedade em que a música, a musicalidade, os efeitos de sentido promovidos por ela, a inclusão de novas temáticas até então marginalizadas ou excluídas e a sua expansão e propagação tornaram-se absurdamente vivenciadas pelas mais diversas e diversificadas classes sociais existentes. Por meio dessas manifestações, o homem, neste caso tratado como periférico, suburbano e "favelado"⁴, vê-se na condição de subalterno e, não aceitando tal posição, procura dentro de sua própria arte e expressão musical reconstruir este seu espaço abafado pelos centros urbanos e reafirmar sua formação sociocultural exaltando aquilo que seu povo faz, pensa, sofre e luta.

A música assume papel importantíssimo na vida humana, pois reflete, assim como outras artes, a realidade social, cultural e identitária de quem a compõe. Como afirma Adorno (*apud* MIRANDA, 2009: 23): "O sujeito que compõe não é um ente individual, mas coletivo. Qualquer música, por mais individual que o seu estilo possa parecer, possui um inalienável sentido coletivo: qualquer som sempre diz Nós!"

Para tanto, nos serviremos da Análise de Discurso (AD) para "conhecer melhor aquilo que faz do homem um ser especial com sua capacidade de significar e significar-se", tornando-se "possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a

⁴ Termo utilizado para designar "que ou quem mora em favela", segundo o Dicionário Aurélio, disponível em <https://dicionarioaurelio.com/favelado>, acesso em 22/12/2018 às 18:20h. A utilização desse termo aqui no texto se dá pela utilização nos discursos analisados e nas descrições dos próprios objetos da pesquisa.

transformação do homem e da realidade em que ele vive” (ORLANDI, 2009, p. 15). Nesta perspectiva e, entendendo a música popular, representada aqui pelo pagode soteropolitano/baiano, como um meio propiciador do “significar e significar-se” e do “permanecer ou transformar o homem e sua realidade”, é que pretendemos analisar de que modo a identidade cultural do “favelado” é discursivizada nas letras de pagode baiano.

1 “ACONTECE QUE SOU FAVELA”: EM ANÁLISE, AFIRMO E REAFIRMO MINHA IDENTIDADE.

A diversidade temática abordada em trabalhos acadêmicos possibilita um engajamento das mais diversas culturas, identidades e histórias. Diante disso e de todas as inconstâncias de uma identidade tida como líquida, efêmera, passageira, do jogo opositor entre o “favelado” e o elitizado e, principalmente, das questões persistentes de descobertas do “quem sou” e de tentar definir-se e pertencer-se a algum grupo formador de identidade é que, através da discursivização, passagem da língua para o discurso, analisaremos de que modo a identidade cultural do favelado é discursivizada nas letras de pagode baiano.

A escolha desse gênero discursivo se pauta, primeiramente, na ideia de que a música popular, aquela pertencente à massa, sempre contribuiu para a construção e formação da nossa identidade. Além dessa característica, a música soteropolitana, com destaque ao pagode, especifica, seleciona e agrega um determinado grupo facilitando assim sua construção, identificação e afirmação. É o que, comumente, caracterizamos pela construção dos sentidos.

Essa afirmação é notada desde que entendemos a música enquanto elemento caracterizador. Se, ao longo da história, formos resgatar informações que confirmem esse elemento como formador encontraremos os mais diversos grupos que, através de um estilo, formam uma identidade coletiva. Os funkeiros, roqueiros, sambistas, carregam em sua identidade traços efetivamente construídos pelos estilos musicais aos quais seguem. Isso ratifica a importância da música no universo formador de um sujeito.

Além de seguir um padrão musical, esses sujeitos apoderam-se dos discursos dessa massa, do estilo de vestimentas, dos hábitos e costumes, da cultura, incorporam a história e, conseqüentemente, se formam identitariamente. Os discursos proferidos pelos sujeitos pagodeiros por meio do pagode se tornam tão próximos das vivências, histórias e culturas de seus seguidores que, inconscientemente, embebemo-nos dessa nova personalidade e desse novo ser. Desse modo, o *corpus* aqui escolhido, é reflexo de uma observação aos discursos

produzidos pelos sujeitos soteropolitanos no intento de analisar e selecionar aqueles que, materializados, se entrecruzam detalhando todas as especificidades identitárias do sujeito formador. Isso porque,

...para a análise de discurso, a constituição do corpus e a própria análise estão intimamente ligados, ou seja, são a mesma coisa. Analisar, de certo modo, é dizer o que pertence ou não a um corpus determinado (por exemplo, que material discursivo constitui o discurso sobre a pobreza?). E, inversamente, dizer o que pertence ou não a um corpus já é decidir acerca de propriedades discursivas (ORLANDI, 1989, p. 31).

Cientes dessa construção de sentidos através da seleção e reflexão detalhada dos discursos, buscamos aqui fazer um recorte dentre os vários discursos materializados no pagode, dando ênfase àqueles que melhor materializam a identidade cultural do ser “favelado”. Um ser que canta e discursiviza a realidade individual, mas coletiva, dos seus sujeitos. É o que reflete a identidade cultural, através do sentido de pertencimento, de autoafirmação e etc.

Para uma sequenciação lógica das informações contidas nos discursos, faz-se necessário um detalhamento das diversas vozes contidas nesses discursos, para que possamos analisar e estabelecer as relações necessárias à compreensão da autoafirmação identitária dos sujeitos discursivos. O discurso apresentado na canção “Conceito”, da banda baiana “Fantasmão”, toma-se como análise inicial por apresentar, desde início, a tentativa de afirmar-se através da desmistificação dos conceitos já construídos pela sociedade. É a reflexão sobre o pré-construído para entender o construído.

- (1) Com um conceito renovado/ **Andará nossa nação**/
- (2) **Sou filho de preto/ Quero respeito**/ Quem mora no gueto/ Não é ladrão/
- (3) Na favela, lá no morro/ No Lobato, na Fazenda Coutos/ No Retiro, quem atirou?/
- (4) Eu quero saber quem pintou o Castelo de Branco/
- (5) Na Senzala do Barro Preto/ **Todo mundo é irmão**/
- (6) **Tá na cara, tá no coração/ No cabelo, na pele, no compasso/ Sou eu Fantasmão!**
- (7) É na pegada do pé/ É na pegada da mão/ **“Bora” negão/ “Bora” negão.**

Inicialmente podemos observar que a construção desse discurso se baseia na afirmação e no questionamento da identidade de um povo pré-conceituado pela sociedade

vigente. A negação da existência de uma comunidade negra respeitada e respeitadora incentiva esse sujeito discursivo a reafirmar sua existência e seu valor. Entretanto, isso serve apenas como um ponto de partida para esse processo de resgate e de afirmação da identidade de seu povo.

O sujeito discursivo presente nessa formação discursiva, insere-se também como pertencente a esse grupo ao identificar-se como tal e ao tentar aproximar seus leitores de sua característica. Ao utilizar-se de (1) “Andará nossa nação”, tal sujeito apega-se as formações discursivas fundamentais à comprovação dessa aproximação identitária. O “**nosso**” que, dentro de uma escala numérica e pessoal, representa a coletividade do nós, simboliza e resgata desde o período escravocrata no Brasil a luta e os anseios de libertação discursivizados pelos negros oprimidos. Essa colocação vem elevar da memória discursiva – (re) estabelecimento dos implícitos, segundo Pêcheux (1999) – a sustentação de um movimento, comunidade, que se consagra na coletividade e, conseqüentemente, na abordagem heterogênea de seus discursos. Aqui, entende-se o “nosso” como uma chamada ao pertencimento histórico e cultural do qual ainda somos reflexo. De rememorar a importância da coletividade e da união nas conquistas históricas, para a renovação desse conceito, até então pré-construído pelos discursos vigentes.

Ao apropriar-se do termo “**nação**”, o sujeito, cria com seus interlocutores uma relação de proximidade a fim de conquistar confiança e estabelecer relações de poder. Neste sentido, não atribuímos a ele apenas o significado legislativo que o apresenta como sinônimo de Estado ou como unidades internas dele dependente. Aqui, o discurso envolto em “nação” assume característica histórica de proximidade e de identificação com aqueles aos quais se tem falado. É a significação próxima do um povo, de uma raça, de uma cultura, de uma identidade e de uma história. É, portanto, o sujeito discursivo que se faz representativo de uma história, cultura e identidade que se caracteriza pela aproximação daqueles que se identificam como seus, defendendo então a supremacia estabelecida pela sua comunidade identitária.

Afirmando essas acepções discursivas, que resgatam da memória esse interdiscurso histórico, “**andar**”, representativo de um tempo que ainda está por vir – futuro -, estabelece diálogo com as vozes escravistas que há séculos sobreviveram em nosso território. Estabelece-se, por meio dessa construção do discurso dialogizado, o resgate ao desejo e ao sonho histórico de libertação e fim ao pré-construído (o já-dito) e a reafirmação desse desejo, ainda tido como esperança, neste discurso (o dito).

Logo em seguida, o enunciador desse discurso identifica-se como **“filho de preto”** para torna-se mais próximo daqueles para os quais ele fala. Além de ser uma característica presente nos grupos de pagode – tornar próximo aquele excluído e fazer com que ele se sinta valorizado, pertencente a uma comunidade e, conseqüentemente, detentor de uma identidade – os discursos proferidos por massa também carregam essa característica ao utilizar-se de mecanismos dialógicos, polifônicos e interdiscursivos.

No segundo enunciado, a utilização oculta do **“eu”** percebida em **“sou”** e **“quero”** reafirma essa ideia de proximidade e de pertencimento. Ao enfatizar sua presença, também nessa luta, o sujeito discursivo agrega para si maior confiança de seus interlocutores e os chama a dialogar. Outra informação bastante importante e que para muitos pode significar apenas ausência de um elemento conector, é a utilização do **“ser”** nessa formação discursiva. Dentro de suas possibilidades, podendo ser caracterizado como direto ou indireto, consequência de seu sentido. Para a última classificação **“ser”**, precedido por **“de”** nos remete à ideia de pertencer a um espaço, a uma sociedade, a um grupo. Já, caracterizado pela ausência, reflete diretamente um ato de pessoalidade e de identificação identitária. Ao afirmar **“(eu) sou filho de preto”**, o sujeito discursivo se diz ter essa identidade e carregar consigo uma informação histórica e a herança de um povo. Fazendo essa enunciação, o sujeito em questão aproxima o seu eu dos outros intensificando e reafirmando a heterogeneidade discursiva. É nessa relação de proximidade que se percebe a constante necessidade de re-significar ou reafirmar nosso papel. Papel, principalmente desenvolvido, pelas classes que se veem à margem das sociedades ditas elitizadas e detentoras, em sua maioria, dos discursos vigentes uma vez que, o sujeito enunciador fala da posição menosprezada, estereotipada.

Esse apelo não se faz apenas na estruturação de um discurso reflexivo, mas, sobretudo, nas várias vozes que se fazem ouvir através dele. Além dessa busca à reafirmação identitária presente na construção linguística do discurso, o enunciador parte também para a materialização dos sentimentos, a fim de promover, quem sabe, a reafirmação da utopia de um mundo melhor e mais igualitário. Em **“todo mundo é irmão/ tá na cara, tá no coração/ no cabelo, na pele, no compasso/ sou eu...”**, o sujeito discursivo utiliza-se, mais uma vez, de elementos que o aproximam do sujeito-leitor a fim de reafirmar o pertencimento à mesma comunidade o que, *a posteriori*, entende-se como construção da identidade cultural.

“Todo mundo é irmão” ratifica o discurso expresso em **“Andará nossa nação”** de um pré-construído que se apresenta interdiscursivamente relacionado às diferentes formas de lutas ideológicas presentes na história. A irmandade expressada nesse discurso, reflete a

ligação construída por diversos movimentos culturais, sociais e identitários como forma de tentar trazer aqueles que se mostram resistentes ou distantes das lutas para se aproximarem. O ser “irmão”, para o sujeito favelado, é aquele mesmo utilizado pelos escravos em suas senzalas como forma de reconhecimento dos seus. A utilização desse discurso para reiterar a interdiscursividade existente na memória discursiva do pagodeiro.

Como prova dessa reiteração, o sujeito discursivo segue sua construção utilizando de elementos comprovadores da relação entre favelado-pagodeiro e negros-escravos. **“Tá na cara, tá no coração, no cabelo, na pele, no compasso”** discursiviza e identifica o sujeito, ao rememorar-lo ao passado e ao constituí-lo a partir disso. “Cabelo, pele e compasso” são termos que, referendados nesse contexto, nos remetem às características étnicas dos negros. O surgimento do próprio estilo musical – pagode – historiciza a herança cultural trazida pelos escravos-negros quando a dança, o gingado, a malemolência, a flexibilidade corporal e o “compasso”, vindos desses sujeitos, influenciam a formação identitária da população periférica. Os favelados negam o pertencimento a um embranquecimento ideológico pregado pela sociedade dominante e resgata, através de traços característicos, a identidade cultural de seu povo.

O cabelo crespo, *blackpower*, encaracolado, ratifica a extrema ligação entre essa classe discursiva com a memória e a história dos negros-escravos. Etnicamente, esses traços, citados no discurso produzido, são característicos dessa classe negra assim como a tonalidade da pele – negra ou mulata – também discursivizada. E no final dessa formação discursiva percebemos, novamente, a confirmação de pertencimento e de proximidade ao (re)discursivizar “sou eu” já enfatizando aqui a presença do “eu”.

Outra relação de proximidade entre os sujeitos, o enunciador e o enunciatário, aparece expressa no final do discurso quando o sujeito-discursivo chama os ouvintes a fazerem parte dessa luta. “Bora negão”, utiliza-se da referência e do estímulo de amizade e contato maior expresso na palavra “negão” e se mostra pertencente e conhecedor da cultural, identidade e história desse povo ao entender também de sua estrutura, melhor dizendo, de sua variedade linguística; “bora”.

Nesse discurso, percebemos claramente o desejo do sujeito discursivo de mostrar aos seus que existe um diálogo entre eles através da utilização de uma mesma língua, cultura e história. Através do resgate à memória e ao pré-construído, em um determinado espaço linguístico e social – formação discursiva – o sujeito “não implica repetição do passado, é um outro dizer. Usa-se do já-dito como um jamais dito, pois os sujeitos e a história são outros, e a

memória é a condição de produção e funcionamento do discurso” (FERNANDES, 2007, p.62).

Consoante a essa ideia, a Banda *Fantasmão*, ratifica a ideia de uma discriminação existente desde a época colonial e propõe, também, novo conceito a essa classe e, sobretudo, a quebra do preconceito. No discurso contido da música “*Eu Sou Negão*”, o sujeito discursivo alerta para a produção do preconceito dentro do próprio sujeito marginalizado e desmistifica, ao mesmo tempo, essa ideia. Para entender essa construção, analisaremos alguns recortes desse discurso.

- (1) Fantasmão, quebrando todas as barreiras do preconceito/ Pra quem desacreditou/ Eu só lamento/
- (2) **“Mão”, eu te digo que você sai do gueto, mas o gueto nunca sai de você/ Se é que você tem o gueto no coração/**
- (3) **Eu sou da favela eu vim do gueto/** Batendo na panela derrubando preconceitos/
- (4) Pra você que pensa que negro correndo é ladrão/ Tem branco de gravata, roubando de montão/
- (5) **Mas pra você eu mando um samba, que não tem classe e não tem cor/** Ele vai bater em seu peito e despertar o amor/
- (6) Eu sou negão, eu sou do gueto, e você quem é?/
- (7) Sou Fantasmão, eu sou do gueto, e você quem é?/ Eu vim de lá, de lá eu vim/
- (8) Não foi tão fácil chegar aqui/ Esse microfone é meu armamento/ Sou Fantasmão e tô pronto pro “arrebento”/
- (9) **“Eu acredito num homem/ De cabelos crespos e de pele escura/ Que andava entre mendigos e leprosos/ Pregando a igualdade/ Um homem chamado Jesus/ Só ele sabe a minha hora”.**

No discurso contido no recorte discursivo (2), o sujeito discursivo utiliza-se de novas leituras através da expressão **“Mão”**. Inicialmente, essa pode ser analisada a partir da supressão de “i” e “r” que, conseqüentemente, formaria a palavra irmão, dando-lhe então sentido de proximidade, de pertencente ao mesmo grupo ou à mesma comunidade. Reiterando, então, a ideia apresentada no discurso anterior de aproximar-se do interlocutor a fim de fazer sentir-se detentor também desse discurso. Ratificando que “no enunciado há sempre uma posição-sujeito, ou uma função que pode ser exercida por vários sujeitos” (FERNANDES, 2007, p.52-53)

Além de trazer à tona a participação do interlocutor também como sujeito desse discurso, levanta, com essa expressão, uma ideia intrínseca de oportunidade e chance. As periferias, referendadas aqui como favelas, ao construírem dialetos próprios utilizam-se do termo **“Mão”** para, além de abreviar “irmão”, designar chances e oportunidades. Nesse caso,

“emerge em uma rede de relações associativas implícitas, isto é, uma série heterogênea de enunciados funcionando sob diferentes registros discursivos e com uma estabilidade lógica variável” (PÊCHEUX, 1997a, p. 23).

As relações associativas implícitas se mostram travadas na sequenciação dada ao discurso em **“eu te digo que você sai do gueto, mas o gueto nunca sai de você”**. Primeiro a afirmação em primeira pessoa, “eu”, coloca o discurso como posse do seu enunciador, mas em seguida, a aproximação sugerida pela utilização da terceira pessoa através do “você” torna o interlocutor sujeito também desse discurso. **“Você sai do gueto”** apesar de uma frase imperativa, não remete imposição ou ordem, mas um desejo, do próprio interlocutor, de fuga da realidade. De omitir a sua identidade e posição sociocultural para não ser mais estereotipado ou menosprezado pela sociedade elitizada. Entretanto, a presença do “mas” implica a desconstrução da frase anterior, ou omissão, uma vez que retira o “Mão” da condição de excluído, sem identidade, sem cultura, afirmando – “nunca sai” – sua ligação com esse povo.

Dessa mesma forma, o sujeito discursivo enunciador coloca-se como pertencente também a essa comunidade. Esse sentimento de pertencimento caracteriza-se pela aceitação a sua identidade e, posteriormente, à sua formação identitária a partir do sentir-se como sujeito favelado. É esse processo de construção do significado de si e do discurso que constitui também o sujeito-identitário como afirmou Castells (1999, p.23): “Identidades organizam significados”. Assim, a relação estabelecida entre as pessoas a partir da interação descobre marcas que os fazem enquanto sujeitos e reafirmam sua identidade. Nesse intento, a construção identitária suporta, no discurso, uma defensiva aos valores, à cultura, privilegiando o seu pertencimento como forma de resistência.

O sujeito evoca sua posição-sujeito pelas marcas de diferença evidenciadas no discurso. Assumindo-se como sujeito “favelado”, “filho de preto”, não como caracterização superficial de uma identidade formulada pela classe elitizada, mas por sentir-se pertencente e originário de, formula uma identidade própria, baseada na resistência (CASTELLS, 1999), mas, sobretudo, na cultura que emana a pós-modernidade (HALL, 2006). Cultura essa que justifica a identidade a partir do multiculturalismo que reitera uma insegurança identitária sugerida pela diferença e pela mudança constante de seus sujeitos. Não se tem uma identidade original, mas uma identidade que se formula pelas necessidades de inserção e de pertencimento a uma comunidade, sociedade.

“**Eu sou da favela, eu vim do gueto**” são dois discursos que, elaborados, se fazem a partir da utilização do ser. No discurso anterior, o “ser” como transitivo direto deu-lhe uma condição de formador identitário que, em condições pessoais, se identifica e constrói sua identidade a partir dessas relações. Neste discurso, ao utiliza-se como transitivo indireto, o sujeito sugere uma relação mais espacial e social que identitária. Constrói-se um espaço no qual se deixa pertencer (sou da favela, sou de Caetité, sou do Brasil). Não um espaço que provoque afastamento do interlocutor, mas que, implicitamente provoque nele o despertar ao pertencimento e, conseqüentemente, à aceitação e formação identitária.

Novamente, o “mas” (formação discursiva 5) aparece no discurso com o intento de desconstruir ideologias discriminatórias sobre a classe negra/favelada. O pagode já não mais é tratado como pagode, e sim como “samba”. Essa construção, não exerce função de afastamento do sujeito interlocutor – também pertencente à essa classe, mas uma tentativa de diminuir o grau de afastamento entre essa classe a dita elitizada. Ao apropriar-se do termo “samba”, o sujeito resgata da memória discursiva a história do surgimento do estilo musical e, colocando-se em mesmo patamar, estabelecer relações de poder e sentido. Oriundos de uma mesma escola musical, samba e pagode, receberam tratamentos diferenciados não por sua musicalidade, mas por sua indústria musical. Nesse sentido, o “samba” aparece como matriz musical para o estilo ao mesmo tempo em que chama o público elitizado a fazer parte desta luta contra a desigualdade uma vez que, não tendo “classe” nem “cor”, a promoção da igualdade entre os povos se tornaria mais viável. Independente da formação identitária do sujeito discursivo enunciador, o discurso por ele proferido, apesar de defender seu povo, não tem “classe” e não tem “cor”, é apenas manifestação cultural e de resistência.

Para buscar nova aproximação da sociedade elitizada ao povo favelado, desconstrói-se o que para muitos é a figura célebre dos brancos: Jesus. Em, “**Eu acredito num homem/ De cabelos crespos e de pele escura/ Que andava entre mendigos e leprosos/ Pregando a igualdade/ Um homem chamado Jesus**”, o sujeito intensifica sua presença na construção do discurso e sua ideologia através do “eu” e do acreditar em primeira pessoa, “acredito”, desarma a supremacia branca ao trazer, explicitamente, o já dito sobre a origem e formação identitária de Jesus.

Os escultores, pintores, escritores e seguidores fiéis, constituem a imagem do Salvador através da teoria do branqueamento, já que está é a classe dominante ideologicamente. Entretanto, estudos sociais e antropológicos mostram que, nascido entre os judeus do leste, Jesus não poderia ter características similares aos brancos, e sim aos negros.

Com a utilização de “cabelos crespos e de pele escura” ratifica a presença negra nas áreas marginalizadas e desconstrói o estereótipo de que negros devem viver à margem e não podem ser representativos de poder. Lê-se a etnia cristã representada também nos povos favelados que, em outro contexto histórico, outra formação discursiva, prega o mesmo discurso: igualdade. “Em se tratando de cores e imagem, esses enunciados funcionam como operadores de memória, mas, em sua repetição, tornam-se outros, pois a história não é a mesma, e não o sendo, os sujeitos enunciadore exercem diferentes posições-sujeito ideologicamente marcadas” (FERNANDES, 2007, p.62).

Ao se utiliza do termo “um”, o discurso apresenta o “homem” a partir da imprecisão, do geral, do vago a fim de, não suprimir a supremacia e o poderio cristão de Jesus, mas de mostrar o quão semelhante aos favelados, negros, marginalizados e estereotipados ele foi. A indefinição promovida provoca uma assimilação do ideário religioso ao real provocando, implicitamente, uma aproximação do nome Jesus como representação dos Jesus, João, José, Pedro, Paulo, que compõem a história da favela, do negro, da identidade e da cultura desse povo.

O resgate à identidade de Jesus, como homem similar a nós, prova o quão implícita está, nesses discursos, a formação identitária do povo favelado, pagodeiro. Assim como o resgate à memória histórica da religiosidade étnica, os discursos promovem diálogos também com as vozes suburbanas, estereotipadas e marginalizadas deste imenso Brasil. Em “*Sou Periferia*”, da Banda *Psirico*, estabelece-se um interdiscurso com a memória histórica do Brasil ao mesmo tempo em que, utilizando-se de várias vozes dialogadas, constrói a identidade real dos pagodeiros, sujeitos desse discurso. Entenderemos essa construção a partir de recortes desse discurso.

- (1) Não tem stress e nem fantasia, **Sou periferia, Sou periferia, Sou periferia**
- (2) **Sou da palafita**, da favela
- (3) Do alto do morro
- (4) **Sou a voz do brasileiro**, Pedindo socorro encarando a vida
- (5) Eu bato na panela, Faço carnaval
- (6) **Apesar dos tropeços, Tô em alto astral**
- (7) **Sou um cara guerreiro**
- (8) **De becos e guetos, Não desisto nunca**
- (9) **Sou brasileiro**

O primeiro enunciado reafirma o processo de construção e formação identitária através da reutilização do “ser”, conjugado em primeira pessoa, com caráter de transitividade

direta, mostrando então sua concepção identitária, sua denominação. Desta vez, a proximidade não se expressa apenas pela colocação implícita do “eu” nem com a utilização direta, mas com a palavra “periferia”.

A construção discursiva que vem sendo feita através dos discursos dos pagodeiros é intensificada nesse terceiro discurso. A aplicação sequencial das palavras “filho de preto”, “negão”, “favela” vão construindo um espaço de aproximação que, possibilita desse último discurso, a utilização da palavra “periferia” sem acúmulo de preconceito ou estereotipia. O sentido literal da palavra carrega consigo significados excludentes; é aquilo que está à margem, nos arredores de algum lugar. Entretanto, ressaltado aqui no discurso, “periferia” apresenta-se como resgate à essa identidade. Reforça o sentido de pertencimento identitário provocado pelo “ser” ao mesmo tempo que, fortalecendo as relações de poder entre enunciador e interlocutor, os constituem como sujeitos desse espaço e, conseqüentemente, formadores dessa identidade.

Essa construção do sujeito-falante é novamente reafirmada no enunciado (2) onde a utilização do ser como transitivo indireto atribui também o sentido de pertencimento a algum espaço sócio-histórico-cultural. Ser “da palafita” é muito mais que ser “periferia”. É ser sustentação, estaca, apoio para aqueles que vivem à margem. A familiaridade do significado de “palafita” à construção identitária do sujeito discursivo se dá a partir das relações sociais que comprovam sua formação. Consoante a isso, Bakhtin (1992, p. 117) afirma que

A personalidade do sujeito é socialmente estruturada, pois não é do interior, do mais profundo da personalidade que se tira a confiança individualista em si, a consciência do próprio valor, mas do exterior: trata-se da explicitação ideológica do meu status social (...) que se projeta na alma individual. (...) a personalidade que se exprime, apreendida, por assim dizer, do interior, revela-se um produto total da inter-relação (sic.) social.

Nessa construção, cria-se um sujeito detentor de um discurso defensivo e reafirmador da identidade cultural do povo favelado. A quebra da construção dos estereótipos se dá com a construção automática do discurso sequencial de aproximação (filho de preto, negão, favela, periferia, palafita) e que, *a posteriori*, é enaltecida ao se utilizarem de outras vozes e discursos para afirmar que o “seu discurso não é único, é atravessado por outros discursos, e esse sujeito ilusoriamente ‘centrado’ na realidade é descentrado e constituído pelo outro” (PÊCHEUX, 1997b, p.163)

“**Sou a voz do brasileiro**” aponta para a multiplicidade de vozes (polifonia) que dialogam para afirmar o poderio do discurso da comunidade favelada. Ao resgatar a memória discursiva que, em décadas atrás, incentivou e influenciou as várias camadas sociais a saírem de suas casas e irem às ruas lutarem por melhores condições de vida, o sujeito discursivo reforça a ideia da necessidade de autoafirmação identitária como forma de resistência aos estereótipos criados e ao processo discriminatório e excludente. Ser a “voz” de alguém chama para si não apenas a responsabilidade de responder por tal, como “obrigada” a voz, até então suprimida, a ocupar seu espaço no discurso.

Ser “a voz do brasileiro”, nesse discurso, é a construção histórica de um país que não se faz por uma minoria elitizada que emana preconceito, desigualdade e marginalização, mas por uma maioria que constrói uma “nação” e se constitui historicamente a partir de uma memória discursiva já existente de luta, resistência, formação identitária, resgate, etc. Uma comunidade que, **“apesar dos tropeços, tá [grifos meus] em alto astral.”**

Aqui, o termo “apesar de” reforça a ideia construída pelo “mas” anteriormente, e transmite o desejo de mudança dessa realidade estereotipada e excludente para outra realidade, a princípio idealizada e imaginária, ratificada pela expressão “tô em alto astral”. A supressão do “estar” para “tô” marca a relação de proximidade dialetal do sujeito-falante, bem como reforça sua presença na construção histórica e identitária da “nação” favelada.

Encarando-se como pertencente a esse grupo – “favelado” – e detentor de sua identidade, o sujeito discursivo pagodeiro, ao dizer-se “guerreiro”, enaltece a posição do povo favelado diante da sociedade vigente. Ao mesmo tempo em que se apresenta como construtor do discurso, evidencia a generalização da construção discursiva ao retomar o discurso a partir do “um” que, vagamente, explicita o sujeito de um discurso. Na verdade, o sujeito-falante acaba sendo interpelado por uma ideologia de coletivismo e pertencimento que faz com que, apoderando-se de um discurso em primeira pessoa “eu”, expresse e identifique outros “eus”. Assim, “a evidência da identidade esconde o fato de que ela é o resultado de uma identificação-interpelação do sujeito, cuja origem externa, não obstante, é-lhe estranhamente familiar” (PÊCHEUX, 1997b, p.150).

Uma identificação que, além de percorrer os espaços discursivos, mostra-se presente na construção do espaço territorial através das palavras “becos e guetos” provocando no sujeito-interlocutor uma experiência de auto-territorialização. O que, dentro de uma análise discursiva, nos permite entender o sujeito discursivo a partir de sua inserção em um espaço construído e dialogado. “Nesse sentido, os sistemas culturais de cada falante caracterizam-se

discursivamente como formações discursivas, que não se caracterizam como um bloco homogêneo, mas como uma região suscetível de conflitos, indefinições, transformações” (DANTAS, 2007, p. 53). Conflitos esses que fazem com que o sujeito discursivo “não desista nunca⁵” de suas formações ideológicas e se mostrem resistentes em sua luta identitária.

Ao afirmar “Não desisto nunca, sou brasileiro”, o dito pelo enunciador desse discurso toma para si um discurso vinculado na mídia, apresentando-o como já-dito que, advindo de ditos populares, manifesta a condição esperançosa que o povo brasileiro representa. Independente das condições de descaso, desrespeito, miséria, pobreza, marginalização, exploração, condições precárias de sobrevivência, o povo brasileiro deve se manter sempre otimista de que dias melhores virão. Nessa perspectiva, o sujeito discursivo afirma essa ideia de esperança e continuidade através da utilização do “não” e do “nunca”. Ao usar de uma premissa (nunca) para intensificar outra (não), o sujeito discursivo afirma, intrinsecamente, a positividade da frase, mesmo que inicialmente, pareça-lhe negativa. E, ao final, afirma a completude de sua construção identitária.

“Sou brasileiro” fecha o ciclo de aproximação e de formação identitária dos sujeitos discursivos pagodeiros (sou filho de preto, sou negão, sou favela, sou periferia, sou palafita). A construção sistemática feita pelo verbo ser enquanto promotor de formulações identitárias e a sequenciação lógica expressas por “filho de preto”, “negão”, “favela”, “periferia”, “palafita” e “brasileiro” mostram quão correlacionados estão os discursos que se movem na história através do resgate à memória discursiva e a presença de outros discursos em um enunciado (polifonia e dialogia). Assim,

O papel de sintoma que discerne na operação de um certo tipo de chiste (onde o que está subentendido, em última instância, é a *identidade* de um sujeito, uma coisa ou um acontecimento), com respeito à questão da interpelação-identificação ideológica, leva-me a afirmar, em relação a esse sintoma, a existência de um *processo do significante na interpelação-identificação*. (PÊCHEUX, 1991, p. 150)

É através de uma construção ideológica, na maioria das vezes de poder, que o favelado se vê marginalizado e estereotipado. No entanto, outra construção ideológica de defesa e resistência está sendo defendida através dos discursos aqui apresentados, como forma de reafirmação de uma identidade cultural que aproxima aqueles excluídos do universo de

⁵ [grifos meus]

inclusão elitizada. “Ser brasileiro” é reconhecer, dentro desse discurso, que o país é constituído historicamente por uma multiplicidade de raças, etnias, crenças e culturas que evoca a memória de um discurso homogêneo de igualdade, mas heterogêneo na formação. Ao caracterizar-se “brasileiro” o enunciador intensifica sua formação identitária e utiliza de um discurso de poder para afirmar essa visão.

(EM) CONCLUSÃO

Para justificar a inquietação inicial da pesquisa, procuramos nos alicerçar nas bases e moldes da Análise do Discurso a fim de categorizar e entender o processo de formação identitária do sujeito favelado através dos discursos, por ele produzidos, diante da indústria musical. Buscamos mostrar aqui como esses discursos, materializados, refletem – mesmo que implicitamente – e constroem sentido à identidade cultural de um povo que, vivendo à margem da sociedade elitizada, assume-se como favelado, periférico e, acima de tudo, brasileiro.

Nesse percurso, percebemos o quão imbricado de memória, história e interdiscursos estão os discursos produzidos pelos sujeitos pagodeiros. Em uma análise inicial, a percepção do processo de formação identitária cultural se mostra fortemente marcada nos traços discursivos deixados pelos sujeitos-históricos – através de uma memória discursiva – aos sujeitos-falantes. São várias as vozes que, dialogadas, afirmam e reafirmam a todo o momento a existência de um povo marginalizado, estereotipado, mas que se assume como tal e cultiva essa identidade de resistência.

Dado o primeiro passo, esperamos continuar esse trabalho de análise discursiva dentro da perspectiva desse objeto e, abrir caminhos para que novos estudos sejam realizados em prol da inserção do favelado, periférico, no que hoje temos como berço da cultura e do saber: a universidade. É preciso que novas pesquisas e novos pesquisadores se lancem na elaboração e construção de projetos que dialoguem com as mais diversas áreas do saber.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC, 1992.

_____. *Estética da Criação Verbal*. Introdução e tradução do Russo Paulo Bezerra; prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov – São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CASTELLS, Manuel. *O poder da Identidade*. – Tradução Klauss Brandini Gerhardt. – São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DANTAS, Aloísio de Medeiros. *Sobressaltos do Discurso – Algumas aproximações da Análise de Discurso*. Campina Grande: EDUFPG, 2007.

FANTASMÃO. *Conceito*. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=GRg--r-ssYU>. Acessado em 10/06/2011.

FANTASMÃO. *Eu Sou Negão*. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=ytGPGmP8qpg>. Acessado em 10/06/2011.

FERNANDES, Cleudemar Alves. *A noção de enunciado em Foucault e sua atualidade na AD*. In: FERNANDES, Cleudemar A.; SANTOS, João Bôsco C.(Org.) *Percursos da Análise do Discurso no Brasil*. São Carlos: Editora Claraluz, 2007.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MIRANDA, Dilmar. *Nós a música popular brasileira*. – Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2009.

ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 2009.

_____. *et. al. Vozes e contrastes: discurso na cidade e no campo*. São Paulo: Cortez, 1989.

PÊCHEUX, M. *Discurso: Estrutura ou Acontecimento*. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 1997a.

_____. *Semântica e Discurso: uma crítica a afirmação do óbvio*. Trad. Eni P. Orlandi (et. al.) – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997b.

_____. *Papel da memória*. In: Achard, P. *et al. Papel da memória* (Nunes, J.H., Trad. e Intr.). Campinas: Pontes, 1999, p. 49-57.

PSIRICO. *Sou Periferia*. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=D2zxCOAvDf0> Acessado em 10/06/2011.

Recebido em: 07/06/2018

Aceito em: 26/12/2018